

A (RE)CATEGORIZAÇÃO DA IMAGEM DE JANUÁRIO GARCIA LEAL NO DOCUMENTÁRIO *O SETE ORELHAS: HERÓI BANDIDO*

Andréa de Rezende Arantes Furtado

Mestranda em Letras, Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), Minas Gerais, Brasil.

Maria Alzira Leite

Doutora em Letras, Linguística e Língua Portuguesa (PUCMINAS), Minas Gerais, Brasil

Professora no Mestrado em Letras, Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), Minas Gerais,
Brasil.

RESUMO: Neste artigo, pretende-se, num primeiro momento, observar as formas de categorização e (re)categorização da representação de Januário Garcia, personagem lendário do Sul de Minas, no documentário *O Sete Orelhas: herói bandido*. Na busca pelo entendimento de como as estratégias de referenciação podem orientar os processos de produção de sentido, no decorrer de cenas do documentário, almejamos, ainda, identificar as formas de introdução de referentes na construção textual da imagem de o “Sete Orelhas. A linha teórica e metodológica segue o viés da linguística textual e discursiva, considerando a concepção de que a referenciação é uma atividade discursiva, pautada em (re)construções dos objetos do discurso. Diante disso, podemos dizer que a construção de cadeias referenciais auxiliam nos processos interpretativos. Pelo uso de expressões nominais, é possível integrar as diversas informações do texto, em função da significação substancial, juntamente com os elementos cotextuais, contextuais e cognitivos, evocados pelos referentes e pelas expressões referenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Categorização. Recategorização.

ABSTRACT: In this article, it is intended, in a first moment, to observe the forms of categorization and (re) categorization of the representation of Januário Garcia, legendary character of the South of Minas, in the documentary *The Seven Ears: hero bandit*. In the search for an understanding of how referencing strategies can guide the processes of meaning production, during documentary scenes, we also aim to identify the ways of introducing referents in the textual construction of the image of the "Seven Ears. The theoretical and methodological line follows the bias of textual and discursive linguistics, considering the conception that the reference is a discursive activity, based on (re) constructions of the objects of the discourse. Faced with this, we can say that the construction of reference chains helps in the interpretative processes. Through the use of nominal expressions, it is possible to integrate the various information of the text, in function of the substantial signification, together with the cotextual, contextual and cognitive elements, evoked by referents and referential expressions.

KEYWORDS: Referencing. Categorization. Reference chains.

Introdução

Ao estudar e analisar as possibilidades de leitura e produção de sentido, notamos que as cadeias referenciais podem contribuir para a orientação dos processos de interpretação. Por meio da utilização dos recursos de que a língua dispõe, tais como, o uso de expressões nominais definidas e indefinidas, os sujeitos interlocutores tendem a se valer de estratégias de categorização e recategorização para construir sentidos, opiniões e posicionamentos.

Os fragmentos selecionados para este estudo foram recortados do documentário *O Sete Orelhas: Herói Bandido*. A história foi transformada em roteiro de filme, com o tempo de duração de quarenta e dois minutos, dirigido pelo professor de Literatura e compositor Bruno Maia. Bruno Maia obteve colaboração de amigos e estudiosos do caso, além do patrocínio recebido da Prefeitura de São Bento Abade. As filmagens foram realizadas em São Bento Abade, Tiradentes, São João del-Rei e São Thomé das Letras, sendo a lenda apresentada pelo ator Ronildo Prudente.

Esclarecemos que essa história, no documentário, é intercalada por depoimentos e entrevistas. Um dos depoimento é do hexaneto do Sete Orelhas, Élio Garcia¹. Em Belo Horizonte, foram entrevistadas duas pessoas que acrescentaram informações importantes sobre a vida de Januário e o Brasil-Colônia: o promotor do Patrimônio Histórico e Cultural de Minas, Marcos Paulo de Souza Miranda², um dos maiores estudiosos da história de Januário; e a pesquisadora e cientista política Carla Maria Anastácia, doutora em História e Cultura Mineira. Destacamos, aqui, que “Carla aborda em seu trabalho, a violência e a criminalística nas Minas setecentista e oitocentista.” (SETE³, 2012). Sendo assim, o documentário acrescenta a esse cenário a ineficácia da justiça da época. Além desses participantes, Maia construiu o seu trabalho com os próprios depoimentos e também com os relatos de Vicente Lima, um contador de histórias de São Bento Abade, entre outros profissionais.

A história de Januário Garcia Leal narrada aconteceu em 1802, na cidade de São Bento Abade, onde duas famílias, os Silva e os Garcia brigavam por demarcação de terras. A lenda prega que depois de

¹ Autor do livro “Desbravadores dos Sertões”.

² Autor do livro “Jurisdição dos Capitães”.

³ Reportagem publicada em Notícias diárias de Varginha e Sul de Minas, 2012.

alguns conflitos, o pai da família Silva chamou seus sete filhos, exigindo que os mesmos matassem João Garcia, proprietário da fazenda vizinha. Os sete homens amarraram-no numa figueira, tiraram-lhe a pele do corpo e o deixaram ali para que fosse comido pelas aves de rapina. Januário Garcia Leal (1761–1808), irmão de João Garcia e capitão de ordenanças, considerado um homem bom e trabalhador, buscou o apoio das autoridades coloniais, entretanto, não obteve nenhum retorno. Por isso, ele jurou vingança e seguiu os criminosos pelo território mineiro afora; assassinando um por um. Para finalizar o ato, cortava a orelha do homem “justiçado”, salgava-a e enfiava-a num cordão, que foi exibido como um colar pelos locais públicos por onde passava. Não demorou muito para ser conhecido como o “Sete Orelhas”. Passou a ser procurado pelo poder público, porém protegido pelo povo.

Buscando compreender as imagens de Januário Garcia Leal delineadas nos discursos, presentes no documentário, o nosso objetivo, neste estudo, concentra-se em analisar as estratégias de referenciação que podem orientar os processos de produção de sentido. Almejamos, então, observar as formas de categorização e de recategorização na construção da figura do “Sete Orelhas”, e, em seguida, identificar as formas de introdução de referentes na construção textual.

A linha teórica e metodológica segue o viés de uma linguística textual e discursiva, assumindo a concepção de que a referenciação é uma atividade discursiva. (Cf. KOCH; ELIAS, 2006, p. 123). Consideraremos as postulações de Koch e Elias (2006, 2012, 2013) e Marcuschi (2005, 2008), e de algumas sínteses e complementações propostas por Roncarati (2010), além de outros autores.

Referenciação e Progressão referencial

Ao analisar os dizeres dos enunciadores no documentário, percebemos que os mesmos fazem escolhas linguísticas e de objetos de discurso que viabilizam o sentido que querem veicular aos seus interlocutores. A respeito disso, Roncarati (2010, p. 44) esclarece que o discurso é recortado pela dimensão perceptivo-cognitiva e intersubjetiva que os próprios interlocutores criam no universo textual.

Dessa forma,

o referente se torna, portanto, um objeto construído no/pelo discurso. O mundo real é aquele que sentimos, lemos, interpretamos e sobre o qual falamos com base em crenças, pressupostos, ideias e inferências construídos e reconstruídos

a partir de condições de produção transitórias, arbitrárias, históricas e passíveis de negociação. Mas também temos interditos, implícitos, ironias, intencionalidades, mentiras e más intenções: quantas vezes falamos de um referente X, em verdade ocultando e velando um referente Y? (RONCARATI, 2010, p.61).

Observamos que o referente, também tratado por objeto de discurso, é construído por meio de elementos informativos, ou característicos, que são atribuídos a ele. O uso adequado de elementos de referenciação contribui para a produção textual de sentido nas atividades discursivas. Sendo assim, para entendermos melhor esse conceito, ancoramo-nos em Koch e Elias quando ressaltam que a referenciação é

o processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial. (KOCH; ELIAS, 2006, p 123).

Nessa linha, o sentido se estrutura a partir da interação entre referentes, que ao serem introduzidos e retomados, podem manter características já citadas ou mudar o foco sob o qual se analisa o objeto.

Em função disso, por meio do processo de referenciação, o referente conceitua de maneira progressiva a representação que o enunciador pretende veicular aos seus interlocutores. Assim, podemos dizer que a referenciação é uma atividade discursiva, já que as escolhas do sujeito interagem com outros sujeitos e os objetos de discurso (re) constroem nesse processo de interação. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 123).

De acordo com a literatura atual, a referenciação consiste na “construção e reconstrução de objetos de discurso, que são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossos ‘óculos sociais’.” (BLIKSTEIN, 1985 apud KOCH, 2013, p. 134).

Segundo Koch e Elias (2006, p. 125), há na construção textual as seguintes estratégias de referenciação:

- Introdução (construção): Trata-se da apresentação de um “objeto” no texto. Por exemplo:

“Os irmão Silva parecia animais...”⁴

O objeto “os irmão Silva” está sendo apresentado no texto.

- Retomada (manutenção): Trata-se de um objeto já inserido no texto, que foi retomado por meio de um referencial. Veja-se o exemplo:

“Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa...”

Houve uma reativação do objeto-de-discurso “os irmão Silva”, por meio de um referencial “era gente perigosa, maldosa”. Dessa forma, “os irmão Silva” permanece em foco.

- Desfocalização: Trata-se da introdução de um novo objeto.

“Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa e naquela época, no campo formoso, na fazenda campo do formoso (mãos cruzadas sobrepostas sobre a perna direita, cruzada sobre a esquerda) morava Januário Garcia e João Garcia era irmão e veio morá na época os sete irmão Silva, então chegaro lá e compraro a fazenda...”

Como vimos, um novo objeto-de-discurso foi introduzido “Januário Garcia” e “João Garcia”, passando a ocupar uma posição focal. Já objeto retirado de foco, “os irmão Silva” permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), isto é, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

Observe-se, então, que os referentes podem ser introduzidos, a qualquer momento e/ou alterados. Com isso, o interlocutor vai criando uma representação muito complexa, por meio de novas categorizações sobre o referente.

Mas como isso vai se desenvolvendo ao longo do documentário?

⁴ Os excertos foram retirados de cenas do documentário para exemplificação da teoria.

Por meio do uso de expressões nominais definidas e indefinidas, empregadas tanto para ativação de referentes quanto para a retomada e remissão anafórica, tais como: as anáforas correferenciais cossignificativas e as recategorizadoras; as anáforas indiretas e associativas, bem como as catáforas.

Destacamos que a categorização, para Ciulla e Silva (2008, p. 23), consiste num procedimento cognitivo por meio do qual os interlocutores “percebem o mundo e, ao fazê-lo, também distinguem, classificam e designam as coisas à sua volta”. Logo, a categorização, não nomeia o mundo, apenas, mas também, o conceitualiza e, ainda, se refere a esse mundo por meio do discurso, utilizando criatividade e argumentação.

Em se tratando da recategorização, Marcuschi (2008, p.109) enfatiza que esse processo ocorre quando um objeto de discurso é categorizado, e, ao ser retomado ao longo do texto por expressões nominais, é (re) categorizado de outras maneiras.

Tendo em vista, o fato de todo o processo de referenciação se concretizar no texto, por meio de escolhas linguísticas feitas pelo sujeito da enunciação, faz-se pertinente compreendermos como ocorre a estruturação das cadeias referenciais e suas contribuições para a progressão referencial.

Cadeias Referenciais

A construção do texto se inicia a partir de um tema ou tópico para o qual os referentes são introduzidos e categorizados em função da representação da realidade, que se deseja veicular aos interlocutores ao longo da progressão textual. Koch (2009, p. 62) divide as três operações básicas, envolvidas na constituição da memória discursiva, como estratégias de referenciação, e, que, conseqüentemente, colaboram para a construção de cadeias referenciais.

Ao mencionarem as cadeias referenciais, Koch e Elias (2012a, p. 132) definem que a retomada de referentes pode ser feita por meio de elementos anafóricos de forma retrospectiva ou anaforicamente, ou até mesmo, de forma prospectiva ou cataforicamente. Portanto, essas cadeias são nomeadas como anafóricas ou referenciais, pois remetemo-nos, seguidamente, a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, no texto. Esse movimento de retroação a elementos, já presentes no texto, constitui um princípio de construção textual e todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais (KOCH; ELIAS, 2012a, p. 144).

As cadeias referenciais, por meio de uma orientação argumentativa, conduzem os interlocutores, no caso do documentário, às conclusões desejadas por um locutor. Por meio de uma sequência de itens lexicais, torna-se possível categorizar o objeto de discurso e apresentar a evolução de suas características. Desse modo, a construção da significação do objeto de discurso ocorre em um processo dinâmico e criativo de manipulação do fluxo informacional entre o referente e as expressões referenciais que o referenciam.

O movimento discursivo de elementos referenciais, em um texto, compreende estratégias distintas que permitem a progressão textual. Essas estratégias constituem a anáfora, que é um

mecanismo linguístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste. Comumente, reservasse a denominação de anáfora à remissão para trás (por ex., Paulo saiu; ele foi ao cinema) e de catáfora, à remissão para frente (por ex.: Só quero isto: que vocês me entendam) (KOCH; ELIAS, 2012b, p. 127).

Observe um exemplo de anáfora direta, retextualizada do dizer do senhor Vicente Lima: “Eles correro, pegaro corda, faca, né, os apreparo certo...” Veja que os referentes “corda” e “faca” são retomados pelo referente “os apreparo certo”. Há anáforas diretas e indiretas. As diretas “retomam referentes previamente introduzidos no texto, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente...” (MARCUSCHI, 2005 apud KOCH & ELIAS, 2013, p. 136).

Já as anáforas indiretas, caracterizam-se pelo fato de

geralmente serem constituídas por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente explícito no co-texto. (MARCUSCHI, 2005 apud KOCH & ELIAS, 2013, p. 136).

Há também, segundo KOCH (2006, p. 128), a anáfora associativa, que consiste em introduzir um referente novo no texto, por meio de exploração dos elementos de relação, podendo ser considerado, de alguma forma, ingrediente do outro, como ilustrado no exemplo a seguir: “Eles correro... pegaro corda, faca, né, os apreparo certo...”.

A introdução de um referente novo no texto “apreparo” explora as relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação, pode ser considerado, parte do outro.

As anáforas correferenciais ocorrem quando um referente é retomado de modo que se preserve a identidade do objeto de discurso, isto é, usa-se o mesmo elemento lexical para

realizar a retomada. As reiteraões, ou designações alternativas com o uso de sinônimos, apelidos de nomes, diminutivos, para se referir ao mesmo objeto.

A exemplo disso, temos um outro trecho retextualizado do dizer do senhor Vicente Lima: “Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa e naquela época, no campo formoso, na fazenda campo do formoso (mãos cruzadas sobrepostas sobre a perna direita, cruzada sobre a esquerda) morava Januário Garcia e João Garcia era irmão e veio morá na época os sete irmão Silva...”

Note que o objeto-de-discurso “os irmão Silva” foi reiterado por meio da expressão “os sete irmão Silva” é retomando de forma mais específica pelo numeral “sete”.

No trecho destacado, observa-se a correferencialidade, já que o exemplo de anáfora faz referência a um mesmo objeto de discurso. Entende-se por correferenciais, quando um ou mais itens se referem a um mesmo referente. A correferencialidade é bastante comum nos exemplos de anáfora. Também é correferencial o uso do pronome reto “eles”, num outro fragmento retextualizado do dizer do senhor Vicente Lima, no documentário: “E es num concordavam com a com a divisa e João Garcia trabalhando, foi indo até que um dia, dois irmãos Silva veio no serviço de João Garcia lá na divisa e disse pro João Garcia: “Olha, cê toma cuidado que nós vamo te matá, viu! Por causa dessa divisa”. E João Garcia ficou assim: “Ah, não vai matá nada, isso é conversa fiada, né? Não acredito. E os irmãos Silva tomaro a decisão de matá João Garcia. Até que um dia, João Garcia teve de vim aqui no arraiar, naquele tempo era arraiar. Eles correrro... pegaro corda, faca, né, os apreparo certo”. Note-se que há, novamente, um exemplo de anáfora correferencial, já que o pronome “eles” se refere aos “irmãos Silva”.

Já as anáforas cossignificativas abrangem as retomadas, preservando a identidade de sentido nas categorizaões dos referentes, uma vez que, se houver alterações substanciais de sentido, não se mantém a mesma significação, suscitando as recategorizaões.

Em geral, referir é uma atividade criativa de designação discursiva de referentes e consiste em retomar o referente já introduzido no texto, em uma continuidade referencial, com correferenciação, por meio de repetição de referentes ou palavras sinônimas. Observamos essa correferenciação na repetição do referente “os irmão Silva” no discurso do contador de histórias 2, senhor Vicente Lima: “Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa... E os irmãos Silva tomaro a decisão de matá João Garcia.”

Já “retomar” consiste em manter um núcleo referencial de forma direta, ou seja, na retomada total ou parcial do referente com correferenciação e cossignificação, ou de forma

indireta, na retomada por associação em relações semânticas total, gerando, assim, recategorizações ou ativação de novos referentes. A exemplo de retomada, temos o uso do pronome “eles” e até mesmo das expressões “sete irmão Silva” e “dois irmão Silva”, que retomam a expressão “os irmão Silva” nos dizeres do Senhor Vicente Lima.

E “remeter” trata-se de um movimento textual nem sempre correferencial, pois a remissão pode auxiliar novas informações, suscitando (re)categorização ou ativação de novos referentes. Como vemos nesse outro recorte, retextualizado do dizer do senhor Vicente Lima: “Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa...” Ao utilizar as palavras e expressões “animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa”, o referente “os irmão Silva” passou a ser recategorizado, ou seja, fica explícito para o interlocutor que o enunciador senhor Vicente Lima considera os irmãos Silva como pessoas más.

Concluindo, Koch (2009, p. 59) estabelece uma relação de subordinação hierárquica entre os termos:

- (a) a retomada implica remissão e referenciação;
- (b) a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- (c) a referenciação não implica remissão pontualizada, nem retomada.

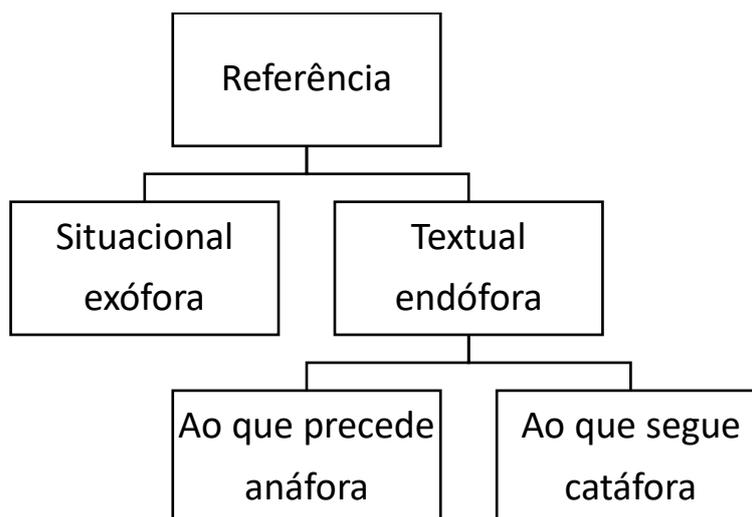
Sendo assim, o texto é constituído em relações sequenciadas que se imbricam nas cadeias referenciais, pois o processo textual envolve movimentos prospectivos, retrospectivos e, ainda, movimentos abruptos, fusões e alusões entre várias possibilidades.

“Em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se co-determinam progressivamente” (KOCH, 2011, p. 85).

Os textos apresentam cadeias referenciais que são utilizadas como um recurso importante para caracterizar os modos de organização do discurso. Nas narrativas, há cadeias relacionadas aos personagens, aos espaços, às ações e aos objetos da história, por meio das quais se desenvolvem muitos efeitos de sentido. Há, portanto, nos textos narrativos, vários efeitos discursivos explícitos e implícitos decorrentes das cadeias referenciais que se relacionam com o próprio ato de narrar. É possível, então, perceber que a própria sucessão de ações, que desencadeia a narrativa, se constitui por um intenso processo referencial e contextual.

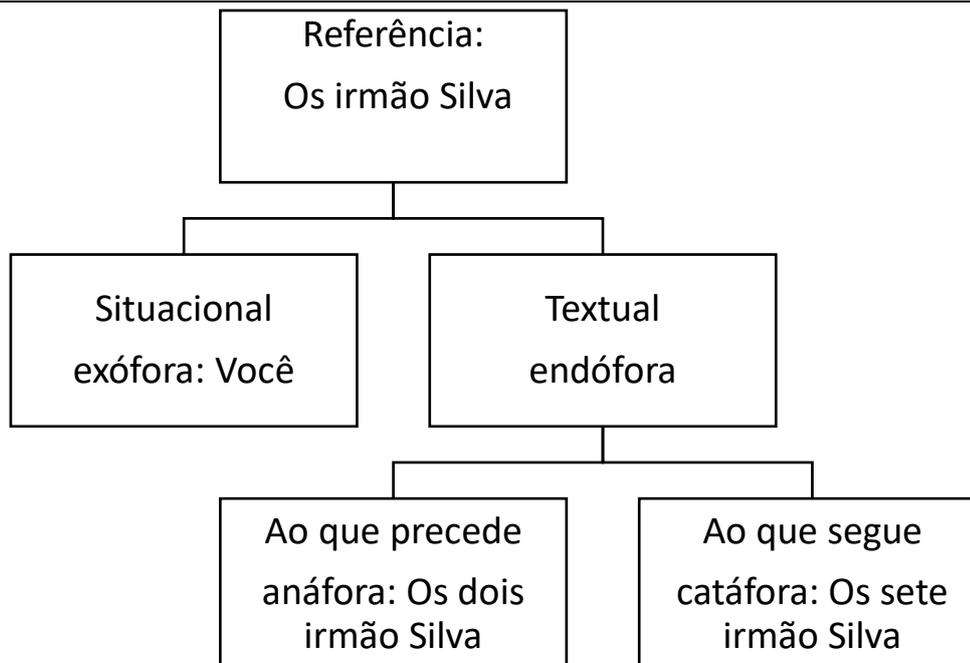
Os referentes são um dos principais fatores de coesão (Halliday & Hasan, 1976). Os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos são elementos de referência. Segundo esses autores, a referência pode ser situacional, ou seja, exofórica, quando o referente está fora do texto, e é endofórica, quando o referente se encontra inserido no texto. Se o referente precede o item coesivo, temos a anáfora; porém, se estiver posposto a ele, temos a catáfora.

Observe-se o quadro:



(Fonte: KOCH, Ingedore Villaça. Coesão textual: Conceitos e mecanismos. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-29).

Com base em Koch (2013), adaptamos o esquema anterior, classificando os referentes anafóricos:



Nesse cenário, a proposta de inferência segue a seguinte possibilidade interpretativa:

1 – “Os irmão Silva” parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa e naquela época, no campo formoso ... dois irmão Silva veio no serviço de João Garcia lá na divisa...” (Trecho retextualizado do documentário “O Sete Orelhas: Herói Bandido”)

2- Januário Garcia Leal matou os desafetos de seu irmão: Os sete irmão Silva

3 - Você não se arrependerá de assistir este documentário.

Como pudemos observar, para Koch (2013 apud Halliday & Hasan, 1976), a referência pode ser pessoal, feita por meio de pronomes pessoais e possessivos; demonstrativa, por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar; e comparativa, realizada de forma indireta. Observe-se os exemplos:

- Os irmãos Silva pareciam animais, não tinha cultura. *Eles* saíram da moita, do mato, do esconderijo... (Referência pessoal anafórica)
- Januário Garcia Leal matou todos *estes*: os sete irmãos Silva. (Referência demonstrativa catafórica).
- Januário Garcia agiu *igual aos* irmãos Silva. (Referência comparativa endofórica)

Essas substituições consistem na colocação de termo(s) no lugar de outro(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria a utilização de um “coringa”, evitando assim, a repetição (KOCH, 2013, p. 21 apud HALLIDAY & HASAN, 1976).

Os autores Halliday & Hasan (1976), estabelecem uma distinção entre substituição e referência. Esta última consiste na “total identidade referencial entre o item de referência” e o item pressuposto, enquanto a substituição “ocorre sempre alguma redefinição”. A substituição ocorre quando uma nova especificação é acrescentada. Veja um exemplo contrastivo da substituição (KOCH, 2013, p. 22):

- Pedro comprou uma camisa vermelha, mas Jorge preferiu uma verde.

Houve, portanto, uma redefinição do referente, pois deixou de ser uma camisa vermelha e passou a ser uma verde.

Entretanto, os autores Brown & Yule ressaltam que o referente sofre mudanças, à medida que um texto se desenvolve. Com base nessas considerações, referência não se distingue de substituição.

Januário Garcia Leal: Herói ou bandido?

Para compor a análise, selecionamos um fragmento de cena do documentário *O Sete Orelhas: Herói Bandido*, iniciado aos cinco minutos e cinquenta e dois segundos de gravação. Nesse recorte, Bruno Maia apresenta uma breve contextualização histórica da lenda, no cenário mineiro. Depois disso, a personagem representada pelo ator Ronildo Prudente, que trataremos por contador de histórias 1, introduz o incidente que causou a morte de João Garcia. Posteriormente, a história é narrada na sequência pelos seguintes enunciadores: o contador de história de São Bento Abade (Vicente Lima); o escritor Élio Garcia, hexaneto de Januário Garcia Leal; Vicente Lima novamente e Tanando, advogado e também escritor. Este último conta a história até o momento em que João Garcia é assassinado.

O trecho transcrito⁵ possui um minuto e trinta segundos de gravação, apresentando, apenas, os dizeres dos seguintes enunciadore: locutor, contador de histórias 1, contador de histórias 2, Élio Garcia e Tanado. Vejamos:

LOCUTOR: Diz a tradição que os Garcia formavam uma família íntegra, religiosa e exemplos de boa conduta.

CONTADOR DE HISTÓRIAS 1 (com um cachimbo na mão direita e gesticulando com a esquerda como se estivesse solicitando a atenção do interlocutor): Es fala mininu qui lá pa traizmenti duas famía aí, os silva e os Garcia prontou uma disgracera por conta de dividição de terra.

VICENTE LIMA (Preparando o fumo para fazer cigarro de palha): Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa e naquela época, no campo formoso, na fazenda campo do formoso (mãos cruzadas sobrepostas sobre a perna direita, cruzada sobre a esquerda) morava Januário Garcia e João Garcia era irmão e veio morá na época os sete irmão Silva, então chegaro lá e compraro a fazenda e fazia divisa com Januário com João Garcia com a fazenda campo formoso.

ELIO GARCIA (sentado num banco de uma praça com o braço esquerdo apoiado sobre o encosto do banco): e eles andaro tendo várias encrenças de divisa.

VICENTE LIMA (Picando fumo para fazer o cigarro de palha): E es num concordavam com a com a divisa e João Garcia trabalhando foi indo até que um dia dois irmãos Silva veio no serviço de João Garcia lá na divisa e disse pro João Garcia: “Olha, cê toma cuidado que nós vamo te matá, viu! Por causa dessa divisa”. E João Garcia ficou assim: “Ah, não vai matá nada, isso é conversa fiada, né? Não acredito. ()” E os irmãos Silva tomaro a decisão de matá João Garcia. Até que um dia, João Garcia teve de vim aqui no arraiar, naquele tempo era arraiar. Eles correr... pegaro corda, faca, né, os apreparo certo e lá embaixo tinha uma figueira muito grande e debaixo

⁵ Os fragmentos de cena foram retextualizados. Conforme (MARCUSCHI, 2005, p. 46), a retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita.

daquela figueira, os irmãos escondero com aquelas ferramentas. Quando João Garcia foi passando, eles saíram da moita, do mato, do esconderijo, né...

TANANDO: “penduraram ele numa figueira e tiraram a pele dele inteira vivo.”

Veja-se o início do fragmento recortado:

LOCUTOR: Diz a tradição que os Garcia formavam uma família íntegra, religiosa e exemplos de boa conduta.

É possível perceber nesse excerto que o objeto de discurso “os Garcia” é introduzido por nomeação, para em seguida, ser feita uma primeira categorização por predicação, já que, faz-se uso do predicativo do sujeito (íntegra, religiosa, exemplos de boa conduta). Por meio dessas categorizações, percebe-se que o locutor explicita uma opinião positiva sobre a família Garcia.

Ao passo que, contrastando com o primeiro exemplo, temos a seguir, outra categorização para um novo objeto de discurso “os irmão Silva”, feita também por meio do uso de predicativos do sujeito “animais, não tinha cultura, não tinha nada não, gente perigosa, maldosa”. Todavia, neste exemplo, agora, a categorização ressalta de forma negativa a família Silva.

VICENTE LIMA (Preparando o fumo para fazer cigarro de palha): Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa...

Observe-se, agora, a continuidade desse fragmento:

VICENTE LIMA (Preparando o fumo para fazer cigarro de palha): Os irmão Silva parecia animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa e naquela época, no campo formoso, na fazenda campo do formoso (mãos cruzadas sobrepostas sobre a perna direita, cruzada sobre a esquerda) morava Januário Garcia e João Garcia era irmão e veio morá na época os sete irmão Silva, então chegaro lá e compraro a fazenda e fazia divisa com Januário com João Garcia com a fazenda campo formoso.

Percebemos agora, que o referente inicialmente introduzido “irmão Silva” é retomado primeiro, por meio da repetição da expressão “irmão Silva”. Esse referente, entretanto, perde sua posição focal, quando novos personagens são inseridos “Januário Garcia e João Garcia” que passam a ser o tema sobre o qual se desenvolvem as predicacões, ou seja, a referenciación. Quando os referentes são retomados, “tem-se o que se denomina progressão referencial” (KOCH, 2013, p. 132).

Há duas formas de se realizar a retomada do referente. A primeira é retrospectiva ou anaforicamente, e a outra pode ser de forma prospectiva ou cataforicamente. Como vimos na análise do trecho do documentário, ocorre uma retomada retrospectiva ou anaforicamente, já que o referente “irmão Silva” refere-se a mesma expressão citada anteriormente.

O uso de anáforas consiste nos processos de categorização e recategorização referencial. Por exemplo, no documentário é recorrente na fala do contador de histórias 2, Vicente Lima, o uso do referente “os irmão Silva” que é retomado por meio de uma repetição. Haja vista que, na oralidade a repetição é usada como elemento de coesão. Nesse ponto, então, temos a o uso de anáfora correferencial, uma categorização; já que foi utilizado o mesmo elemento lexical, preservando a identidade do objeto de discurso “os irmão Silva”. Essa retomada dá “origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto” (KOCH, 2006, p. 131).

Outras retomadas são utilizadas:

“...e veio morá, na época, **os sete irmão Silva**, então chegaro lá e compraro a fazenda e fazia divisa com Januário com João Garcia com a fazenda campo formoso.”

Nesse exemplo, o uso de “os sete irmão Silva” retoma o referente objeto de discurso “os irmão Silva”, acrescentando um novo elemento a ele, no caso, o numeral “sete”. Dessa forma, temos uma recategorização do objeto. O mesmo acontece em outra fala do senhor Vicente Lima, com o numeral dois. Veja:

“...um dia, **dois irmãos Silva** veio no serviço de João Garcia lá na divisa e disse pro João Garcia: “Olha, cê toma cuidado que nós vamo te matá, viu! Por causa dessa divisa.”

Segundo Koch (2013), a introdução de referentes no modelo textual ocorre de duas formas. Uma é chamada de ‘ativação ancorada’ e outra, ‘não-ancorada’. A segunda ocorre quando o locutor introduz no texto um objeto de discurso totalmente novo. No trecho transcrito do documentário, a primeira vez que o senhor Vicente Lima cita “os irmãos Silva, Januário Garcia e João Garcia”, há a utilização de uma ativação não-ancorada. A ‘ancorada’ acontece sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação, com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores. Posteriormente, Lima faz uso do pronome “eles” para uma nova retomada e manutenção do foco, a chamada ativação ancorada, já que se refere ao elemento “irmãos Silva” já presente no co-texto. (KOCH, 2006, p. 127).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, no documentário, que as principais formas de categorização e recategorização emergentes são as expressões nominais, imbricadas no predicativo do sujeito e na anáfora indireta, já que o enunciador categorizou os irmãos Silva como “animais, não tinha cultura, não tinha nada não, era gente perigosa, maldosa...” Entretanto, a ativação também se dá por meio de pronome ou expressão com o nome próprio, o que não configura uma categorização, mas apenas uma introdução ou retomada do objeto do discurso.

Sendo assim, a construção de cadeias referenciais auxiliam nos processos interpretativos, principalmente pelo uso de expressões nominais, é possível integrar as diversas informações do texto em função da significação substancial que agregam ao relacionar os elementos cotextuais, contextuais e cognitivos evocados pelos referentes e expressões referenciais. Fica, portanto, implícito, segundo o ponto de vista do enunciador, senhor Vicente Lima, a imagem do “Sete Orelhas” como um “herói”, já que o contador de histórias considera os irmão Silva como bandidos.

Os processos de construção, categorização e recategorização dos referentes textuais se revelam, então, como um recurso produtivo para a progressão, coesão e coerência do todo textual. Quando os enunciadores adquirem a consciência desses processos, desenvolvem cadeias referenciais mais ricas, explorando a intersubjetividade e os efeitos de sentido decorrentes do uso de uma ou outra expressão referencial e, com isso, as expressões nominais referenciais se apresentam como elementos cruciais na construção textual dos sentidos.

REFERÊNCIAS

CIULLA e SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

HALLIDAY, M.A.K. & Ruqaiya HASA N. **Cohesion in English**. Londres, Longman, 1976.

KOCH; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.123-135.

KOCH; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

KOCH; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012b.

KOCH, Ingedore Villaça. Coesão textual: Conceitos e mecanismos. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-29.

KOCH, Ingedore Villaça. Conceito e coerência. In: KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 21-53.

KOCH, Ingedore Villaça. Escrita e progressão referencial e sequencial. In: KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 131-156.

KOCH, Ingedore Villaça. Escrita e coerência. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2013, p.191-214.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

O SETE Orelhas: Herói Bandido. Direção: Bruno Maia. Produção: Bruno Maia, São Bento Abade, Braia Produções, 42 min, 2012.

RONCARATI, Cláudia. **Cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola Editorial: 2010.